

BLENDLED LEARNING: O CAMINHO NATURAL PARA AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Curitiba – PR – abril 2014

Elton Ivan Schneider – Centro Universitário Internacional UNINTER –
elton.s@grupouninter.com.br

Inge Renate Frose Suhr – Centro Universitário Internacional UNINTER –
inge.s@grupouninter.com.br

Juliane Marise Barbosa Teixeira – Centro Universitário Internacional UNINTER –
juliane.te@grupouninter.com.br

Nelson Pereira Castanheira – Centro Universitário Internacional UNINTER –
nelson.c@grupouninter.com.br

Experiência Inovadora

Educação Superior

Teorias e modelos

Relatório de Estudo Concluído

RESUMO

Neste século XXI, a EaD está passando por constantes transformações e a mais recente é a denominada sala de aula invertida (flipped classroom) ou ensino semipresencial, onde o aluno, através de todas as ferramentas disponibilizadas pela IES para a educação a distância, se prepara para encontros presenciais onde procurará solucionar os problemas a partir do que estudou previamente. Considerando de forma genérica a aprendizagem na qual as tecnologias digitais associadas à Internet são utilizadas como ferramentas para o processo ensino-aprendizagem, no ritmo de cada aluno, o termo e-learning (eletronic learning) é o mais utilizado. Quando se associa a aprendizagem a distância (EaD) com a aprendizagem presencial, surge a chamada solução mista conhecida como b-learning (blended learning). Esse termo foi utilizado pela primeira vez no ano 2000 em um documento da IDC: e-learning in Practice, Blended Solutions in Action. O b-learning é um modelo que pretende valorizar o melhor do presencial e do on line. Mas, logicamente, há resistências. Quanto mais experientes são os professores, mais contrários a mudanças eles são, principalmente no uso de tecnologias. A educação, no Brasil, ainda é muito conservadora.

Palavras-chave: blended learning; flipped classroom; semipresencial

1 INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD) já é antiga em muitos países, mas no Brasil, quando associada ao Ensino Superior, é considerada jovem. Entretanto, sem dúvida, é uma metodologia absolutamente indispensável para um país com as dimensões continentais como a do Brasil, no qual cerca de quatro mil municípios não dispõem de uma Instituição de Ensino Superior (IES). Esse valor corresponde a 70% dos municípios brasileiros, o que não significa dizer que nos demais 30% os cursos superiores existentes atendam plenamente as necessidades locais e regionais, no tocante ao preparo da mão de obra necessária para movimentar a economia e para promover o desenvolvimento.

Sendo a EaD, pelo menos na teoria, um método que separa fisicamente os alunos e os professores, recursos tecnológicos se fazem necessários para diminuir essa distância e para suprir as necessidades de comunicação. Para tal, a IES deverá dispor de variados meios de comunicação que permitam o relacionamento dos alunos não apenas com os docentes, mas também com os tutores e com a administração da Instituição, permitindo assim que se sintam parte integrante do processo e não se sintam isolados.

Neste século XXI, a EaD está passando por constantes transformações e a mais recente é a denominada sala de aula invertida (*flipped classroom*) ou ensino semipresencial, onde o aluno, através de todas as ferramentas disponibilizadas pela IES para a educação a distância, se prepara para encontros presenciais onde procurará solucionar os problemas a partir do que estudou previamente. O professor não será, nesse momento, um mero transmissor de conhecimento, mas um mediador entre o que os alunos estudaram e sua aplicação na prática, como, por exemplo, sua aplicação em estudos de casos.

Para Schneider et al (2013) na sala de aula invertida os momentos de ensino presencial são destinados a atividades de produção do conhecimento e criação do conhecimento, que baseados na taxonomia elaborado por Bloom podem ser consideradas de acordo com Ferraz & Belhot (2010) como "atividades de aprendizagem mais complexas ou de ordem superior", exigindo para tanto, estratégias apropriadas de ensino e aprendizagem. No modelo proposto pelos autores nas atividades presenciais os alunos realizam atividades de aplicação

prática dos conteúdos estudados, estudos de caso, resolução de situações problemas, elaboração de projetos pessoais e em equipe, elaborando proposições de modelos e estruturas de negócios, entre outras atividades.

Nos momentos de estudo independente, característica do modelo b-learning, o aluno busca adquirir conhecimento com leituras, assistindo vídeos, realizando exercícios on line no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), visando compreender, recordar e fixar os conceitos inerentes a sua área de estudos. Schneider, Urbanetz e Medeiros (2009, p. 05) apresentam a importância de que os estudos realizados independentemente pelo aluno sigam uma “rota de Aprendizagem - que deve servir como uma ponte, ligando o que o professor deseja e precisa ensinar com aquilo que o aluno precisa aprender, superando este processo meramente de transmissão de informações, perfazendo um circuito de aprendizagem conjunta”.

Outro aspecto importante para o modelo de ensino baseado na sala de aula invertida e no b-learning, envolve a avaliação da aprendizagem como um processo e não como uma fase estanque das atividades de ensino e aprendizagem. Segundo Hofmann (2000) a avaliação mediadora se desenvolve em benefício ao educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado. Para Perrenoud (1999) a avaliação deve ser analisada como componente de um sistema de ação e como um momento de reflexão, ou seja, avaliar é preciso, porém não apenas com o objetivo de promover ou reprovar um aluno, mas para mediar à aprendizagem, como um agente de formação do aluno.

2 APRENDIZAGEM E B-LEARNING

A aprendizagem é um processo de construção pessoal, dinâmico e interativo, que apela às experiências passadas, condiciona a atuação do presente e possibilita ao indivíduo reconstruções cognitivas (PERES; PIMENTA, 2011, p. 14).

Considerando de forma genérica a aprendizagem na qual as tecnologias digitais associadas à Internet são utilizadas como ferramentas para o processo ensino-aprendizagem, no ritmo de cada aluno, o termo *e-learning* (*eletronic learning*) é o mais utilizado.

Quando se associa a aprendizagem a distância (EaD) com a aprendizagem presencial, surge a chamada solução mista conhecida como *b-learning* (*blended learning*). Esse termo foi utilizado pela primeira vez por Anderson (2000) em um documento da IDC: *e-learning in Practice, Blended Solutions in Action*. O *b-learning* é um modelo que pretende valorizar o melhor do presencial e do *on line* (PERES; PIMENTA, 2011, p. 15). Figueiredo e Afonso (2006) identificam como o grande desafio das escolas a necessidade de criar comunidades ricas em contexto onde a aprendizagem individual e coletiva se constrói e onde os aprendentes assumem a responsabilidade, não só da construção do seu próprio saber, mas também da construção de espaços de pertença onde a aprendizagem coletiva tem lugar.

A modalidade semipresencial já foi timidamente mencionada pelo Ministério da educação, em sua Portaria nº 4.059 de 10 de dezembro de 2004, quando em seu parágrafo 1º do artigo 1º menciona:

Para fins desta Portaria, caracteriza-se a modalidade semipresencial como quaisquer atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino-aprendizagem centradas na autoaprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota.

Na sequência, no seu artigo 2º, menciona:

A oferta das disciplinas previstas no artigo anterior deverá incluir métodos e práticas de ensino-aprendizagem que incorporem o uso integrado de tecnologias de informação e comunicação para a realização dos objetivos pedagógicos, bem como prever encontros presenciais e atividades de tutoria.

Parágrafo único. Para fins desta portaria, entende-se que a tutoria das disciplinas ofertadas na modalidade semipresencial implica na existência de docentes qualificados em nível compatível ao previsto no projeto pedagógico do curso, com carga horária específica para os momentos presenciais e os momentos a distância.

Gomes (2014) escreveu que o ensino híbrido é o único jeito de transformar a educação. E acrescentou:

O tal *blended learning*, que estava pipocando aqui e ali, se referia à mescla do ensino presencial com o virtual, dentro e fora da escola. Com essa integração de oportunidades de aprendizagem que a tecnologia proporcionou, os alunos passariam a ver mais sentido no conteúdo que lhes era apresentado, teriam acesso a um aprendizado mais personalizado às suas necessidades, seriam estimulados a pensar criticamente, a trabalhar em grupo.

Na verdade, para o ensino semipresencial, o conhecimento do professor precisa ser ainda maior no que se refere à área de atuação, pois além de saber o

conteúdo, ele precisa ser capaz de enxergar as interfaces com outras áreas, a aplicabilidade, a relação com fatos do dia a dia e com as demandas da produção na atualidade.

O professor terá em uma mesma sala de aula, para os momentos presenciais, diferentes alunos em diferentes níveis de aprendizagem. Sua tarefa, segundo Gomes (2014), “é muito mais ser um *designer* do aprendizado de cada aluno e avaliar para ver se estão dominando o assunto. Eles são assessores do conhecimento, treinadores, *designers* do aprendizado”.

Buscando um método que valorize mais o aprendizado no ritmo de cada estudante, alguns educadores passaram a modificar o papel do professor em sala de aula. Em vez de apresentar o conteúdo a todos os alunos e mandar tarefas de casa para fixação, esses professores passaram a gravar vídeos com o material expositivo. Assim, em sala de aula, ele está completamente disponível para tirar dúvidas e realizar atividades para compreensão. Dessa forma, o estudante pode aprender em seu próprio ritmo, com atenção mais individualizada do professor (EDUCAÇÃO, 2014).

Mas, logicamente, há resistências. Quanto mais experientes são os professores, mais contrários a mudanças eles são, principalmente no uso de tecnologias. A educação, no Brasil, ainda é muito conservadora. Em entrevista à Revista Veja de 02 de abril de 2014, Stephen Kosslyn, neurocientista americano, ex-professor de Harvard, recebeu a pergunta “Por que a maioria das escolas ainda está ferrada a um modelo antiquado de sala de aula?”, ao que respondeu: “Parte desse conservadorismo se deve ao conforto que ele traz; os professores ensinam da maneira a que estão acostumados, como foram treinados, sem avançar um milímetro. Eles não veem motivos para mudar”.

3 ESTUDO DE CASO: UNINTER

O Centro Universitário Internacional UNINTER já utiliza o *blended learning* desde o início de 2013, em polo de apoio presencial localizado na cidade de Curitiba – PR, seis Cursos Superiores Tecnológicos são ofertados na modalidade a distância sendo operacionalizados como b-learning, onde os alunos realizam atividades de aprendizagem a distância e atividades presenciais em dois encontros semanais. Os módulos dos cursos, constituídos por quatro disciplinas, são circulares, não havendo pré-requisitos de disciplinas e podendo ocorrer o ingresso

de alunos em qualquer módulo do curso. Cada módulo é pensado e articulado de modo a formar um conjunto específico de competências e preparar o perfil profissional do egresso desejado. Como os alunos realizam as atividades conjuntamente, independentemente do seu período de ingresso no curso, há um favorecimento de maior integração entre alunos calouros e veteranos.

Qual a dinâmica de um curso semipresencial? As disciplinas são ministradas duas a duas com seis aulas gravadas, expositivas, de 60 minutos cada uma, que são disponibilizadas aos alunos em DVD e no AVA. Além dessas seis aulas, outras duas de 60 minutos são transmitidas ao vivo, com interação, quando o professor apresenta estudos de caso, sendo que, as interações podem ocorrer via 0800, chat e fórum da disciplina. Paralelamente, outras seis aulas presenciais são ministradas aos alunos presencialmente para cada disciplina, onde os alunos realizam atividades disciplinares e interdisciplinares, tirando dúvidas e participando de estudos e atividades interativas, ou seja, são seis aulas com conotação prática. Para o aprofundamento nos conteúdos abordados nos vídeos, o aluno conta com Rotas de Aprendizagem no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), além de contar com um livro de apoio didático, escrito com a dialogicidade própria para a Educação a Distância. Há, ainda, momentos em que os alunos podem interagir com o professor da disciplina por meio de chat via Rádio Web (canal de rádio na Web, disponível no AVA).

O grande diferencial dessa forma de estruturar o ensino a distância é a Atividade Prática Presencial (APP). A APP é realizada presencialmente por professores orientadores, objetivando favorecer a relação teórico-prática, o trabalho em equipe, a contextualização e a interdisciplinaridade. Entre as atividades realizadas, destacam-se o júri simulado, pesquisas de mercado, estudos de caso, elaboração de planos de ação, simulação de importação e exportação em softwares específicos, projeções financeiras, planos de negócio, entre outros.

O acompanhamento, orientação e avaliação dos alunos nas atividades práticas são realizados por professores com experiência na área de formação do curso, daí serem chamados de professores orientadores. É importante salientar que o modelo proposto conta com forte apoio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), uma vez que os materiais de aula, rotas de aprendizagem, vídeos das aulas, textos de apoio, avaliações *on line*, chats e fóruns são realizados integralmente no AVA.

Nos cursos ofertados como *blended learning* ocorrem as seguintes atividades avaliativas:

- a) Prova Objetiva, avaliação disciplinar de cunho teórico/prático, baseada em questões de múltipla escolha, onde apenas uma alternativa é considerada correta, realizada individualmente pelo aluno para cada disciplina do curso; a prova é realizada no Polo de Apoio Presencial (PAP), na presença de um tutor; é feita *on line* no AVA, que seleciona questões randomicamente, realizada ao final da oferta das disciplinas individualmente;
- b) Atividade Pedagógica On line, avaliação interdisciplinar de cunho teórico/prático, baseada em questões de múltipla escolha, realizada semanalmente a partir da segunda semana de aula; são realizadas cinco atividades avaliativas desta categoria, também por meio do AVA, com questões selecionadas randomicamente; pode ser realizada em qualquer ambiente com acesso a Internet;
- c) Prova Discursiva, avaliação interdisciplinar de cunho teórico/prático, realizada com cinco questões discursivas, também randomizadas pelo sistema, de modo que os alunos tenham provas diferentes a realizar; é presencial, individual realizada ao final de cada duas disciplinas ofertadas, feita no PAP;
- d) A Atividade Prática Presencial, que consiste em uma avaliação interdisciplinar e em equipes, realizada no decorrer do módulo, por meio da construção coletiva de ações que culminam na entrega de um trabalho que objetiva a aplicação prática dos conceitos estudados; é a avaliação que assume com maior ênfase no projeto pedagógico do curso a função diagnóstica da avaliação; o primeiro aspecto a ressaltar nesse sentido é a construção coletiva da atividade, onde os alunos, estimulados pelo professor, realizam atividades de aplicação prática dos conteúdos estudados, permitindo dessa forma que se verifique o aprendizado do aluno no decorrer do processo educacional.

Qualquer atividade de aprendizagem deve ser desenhada para que seja memorável para os alunos, pelo significado e motivação (ALLEN, 2007).

4 CONCLUSÃO

O desenho do curso na modalidade *blended learning* deve considerar a comunidade institucional dos alunos e professor da turma, que interagem na presença sócio-cognitiva, no domínio das disciplinas em estudo e na prática do conhecimento gerado (PERES; PIMENTA, 2011, p. 75).

Dentro do modelo proposto pela IES para os curso na modalidade b-learning, destaca-se a importância da aprendizagem colaborativa, dos estudos dirigidos, a interação entre alunos, professores, colegas e conteúdos de aprendizagem em um ambiente dinâmico e estimulante. Ressalta-se ainda a importância do professor como mediador da aprendizagem, não como transmissor de conhecimentos, mas como elemento que identifica possibilidades, que media a aprendizagem, que resolve problemas, que estimula o aluno ao auto estudo e a aprendizagem colaborativa.

As TICs representam outro aspecto importante do modelo, pois permitem associar perfeitamente os modelos presencial e a distância, permitindo extrair o que há de melhor nos dois modelos e conduzindo o aluno a um aprendizado enriquecido com atividades práticas que permeiam todos os conhecimentos teóricos mostrados nas aulas expositivas.

O crescimento de uma comunidade *on line* segue, segundo Salmon (2005), cinco etapas:

- a) Acesso e motivação, quando os alunos acessam individualmente o AVA e habilitam-se à utilização das ferramentas;
- b) Socialização *on line*, que envolve a participação individual no AVA de modo a estabelecer uma identidade on line e encontrar pares com os quais se identifiquem;
- c) Troca de informação, quando os alunos trocam entre si informações relevantes para o curso;
- d) Construção do conhecimento, onde ocorre a discussão *on line* sobre a temática em estudo e as interações tornam-se mais colaborativas;
- e) Desenvolvimento, quando os alunos buscam maiores benefícios do sistema a fim de atingirem os seus objetivos pessoais.

O professor precisa se sentir confortável com as ferramentas disponibilizadas pela IES, para poder auxiliar os alunos com problemas. Numa perspectiva relacional, Schofield et al. (2006) alertam para a necessidade de alinhar os aspectos de identidade da comunidade com as ferramentas escolhidas, para que promovam oportunidades de interação. Dentro do modelo proposto e realizado pela IES as atividades interativas realizadas presencialmente valorizam o relacionamento interpessoal, as atividades em grupo, o aprendizado social com o uso de tecnologias, sem deixar de lado, o relacionamento humano.

Gomes (2014) conclui que “As pessoas que defendem o conhecimento diriam: não é possível desenvolver habilidade, a menos que você tenha conhecimento. A melhor coisa do ensino híbrido é que podemos ter os dois”.

REFERÊNCIAS

ALLEN, M. *Designing successful e-learning*. Publisher Pfeiffer, 2007.

ANDERSON, Cushing. *eLearning in practice: blended solutions in action*. IDC white paper, 2000.

BRASIL. Portaria nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, DOU de 13//12/2004, Seção 1, p. 34.

EDUCAÇÃO, 25 de março de 2014. Disponível em: <noticias.terra.com.br/educacao/sala-de-aula-invertida-tem-aula-em-casa-e-tema-na-escola>. Acesso em: 26 abr. 2014.

FERRAZ & BELHOT. **Taxonomia de Bloom**: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. Gest. Prod., São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v17n2/a15v17n2.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2012.

GOMES, Patricia. **Ensino híbrido é o único jeito de transformar a educação**. Disponível em: <<http://porvir.org/porpensar/ensino-hibrido-e-unico-jeito-de-transformar-educacao/20140220>>. Acesso em: 27 abr. 2014.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação & Realidade, 2000.

KOSSLYN, Stephen. A universidade do futuro. **Revista Veja**, São Paulo, ed. 2367, p. 17-21, 02 abr. 2014.

PERES, Paula; PIMENTA, Pedro. **Teorias e práticas de *b-learning***. Lisboa: Edições Sílabo Ltda., 2011.

PERRENOUD, Phillippe. **Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SALMOM, G. ***E-moderating: the key to teaching and learning online***. London and New York: RoutledgeFalmer, 2005.

SCHOFIELD, M.; SACKVILLE, A.; DAVEY, J. ***Designing for unique online learning contexts: the alignment of purpose, audience, and form of interactivity***. Information Science Publishing, 2006.

SCHNEIDER, E. I.; URBANETZ, S.T.; MEDEIROS, L.F. **O aprender e o ensinar em EaD por meio de rotas de aprendizagem**. In: 15 CIAED Congresso Internacional de Educação a Distância, 2009, Fortaleza.

SCHNEIDER, E. I.; ZUHR, I.R.F.; ROLON, V. E.; ALMEIDA, C. M. **Sala de aula invertida em EaD: uma proposta de Blended Learning**. Intersaberes (Facinter), v. 08, p. 68-81, 2013.